

AS CONDIÇÕES DO RETIRANTE SERGIPANO NO MEIO SOCIAL APRESENTADO NA OBRA “OS CORUMBAS” DE AMANDO FONTES

CARVALHO, Érica Christiane de.
erica_christiane21@hotmail.com

FERREIRA, Flacinete Azevedo.
flacinete@yahoo.com.br

TELES, Ana Valéria Limeira.
aninhavalleria@yahoo.com.br

BERGER, Maria Amália Façanha. (Orientadora)
Graduada em Letras Português/Inglês, Mestre em Educação, Prof^a do curso Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
amaliafberger@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo pretende analisar as condições do retirante nordestino e da formação do proletariado na zona urbana do nordeste brasileiro, mostrando as dificuldades vividas pelos trabalhadores, tanto no sertão quanto na cidade, tendo como objeto de estudo a obra do autor sergipano Amando Fontes, “Os Corumbas”. Tal obra foi fruto de observação do romancista que relata com veracidade o ambiente físico, social e político do estado de Sergipe no início do século XX. O estudo, que se caracteriza como pesquisa de cunho teórico-bibliográfico, além de focar as condições sociais que influenciaram a família Corumba, faz uma breve comparação com o romance de Francisco Dantas “Os Desvalidos”, mostrando as condições subumanas que as personagens vivem. Conclui-se que a literatura apresenta-se como fonte importante de pesquisa que carrega, junto com a ficção, marcas culturais e sociais de um povo. No caso desta análise, entendemos que o sertanejo nordestino é, até hoje, vítima da exploração, humilhação e opressão de seus patrões, os quais poucos estão incomodados com a vida precária que vive o ser humano, visando sempre ao lucro e à ascensão social.

PALAVRAS-CHAVE: Injustiça social, literatura, miséria, proletariado, retirante.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira dos anos 30 a 40 viveu uma fase muito rica em termos de romances de posições ideológicas e o autor sergipano Amando Fontes figura entre nomes consagrados da literatura brasileira como José Américo de Almeida, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, todos os autores ligados ao chamado “Grupo do Nordeste”. A importância de estudos a respeito das obras desses autores está pautada, segundo José Aderaldo Castello (2004, p. 353),

basicamente em função de compromisso íntimo com região de origem, rural ou urbana, considerada em toda a sua complexidade. Devem ser vistos, portanto, desde o enraizamento telúrico até a representação de valores e tradições em função da memória e da experiência e observação, subordinados ou não a enquadramentos políticos (CASTELLO, 2004, p.353).

“Os Corumbas”, objeto deste estudo, romance de Amando Fontes, através de narrativa heterodiegética, faz uma descrição do nordeste, em especial de Sergipe, na década de 30, em que é mostrada claramente a vida precária do ser humano.

A obra de Fontes é comparada às dos escritores regionalistas da década de 30, que descrevem a miséria, a ignorância, a opressão nas relações de trabalho e o drama da seca vivido por milhares de nordestinos.

Mesmo sendo prosa regionalista, não deixa de apresentar grande estilo Realista e Naturalista. A importância literária da obra dá-se através da descrição realista que o autor faz do ambiente físico, social e político do Estado de Sergipe nos primeiros anos do século XX. Há nestes relatos um fiel testemunho dos problemas e das condições dos sertanejos nordestinos.

A veracidade dos fatos na obra fez com que nascesse a admiração e interesse em pesquisar o trabalho de Amando Fontes. Daí a iniciativa em elaborar um estudo específico acerca da situação do retirante sergipano através da obra, tema que chama a atenção e que é responsável pela consolidação de Amando Fontes como romancista regionalista sergipano.

O presente estudo tem por objetivo analisar o panorama social em que a obra está inserida, mostrando a falta de condição do sertanejo nordestino e as dificuldades vividas pelo proletariado na zona urbana de Sergipe, ressaltando a importância da literatura como fonte rica de pesquisa a respeito da vida de uma sociedade. As reflexões aqui presentes são fruto de pesquisa teórico-bibliográfica, com enfoque na interpretação da obra em questão e também do paralelo da mesma com a obra “Os Desvalidos”, de outro nome importante da literatura sergipana, Francisco Dantas.

UM BREVE PANORAMA DA SITUAÇÃO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICA EM QUE ESTÁ INSERIDA A OBRA ‘OS CORUMBAS’

Para entender melhor o que os sertanejos nordestinos pensam acerca da vida na cidade, e para acompanhar o desenrolar dos fatos vividos por todos da família Corumba, é importante analisar o contexto histórico em que se baseia tal obra, o que irá proporcionar uma visão melhor dos principais acontecimentos ocorridos naquela época.

Sabe-se que toda e qualquer obra literária está envolvida em seu tempo de acordo com os fatos sócio-político-econômicos. No período em que o autor escreveu a obra em estudo, o mundo passava por uma fase de transformação em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Os olhos do mundo voltaram-se para tal acontecimento, e este influenciou de maneira geral a economia capitalista. Outro fator importante foi a queda da bolsa de Valores de New York em 1929, que afetou a economia global, principalmente o Brasil, no que diz respeito à exportação de café.

Historicamente, no Brasil ocorreu um período de grandes mudanças com o surto da industrialização, imigração e tecnologia na sociedade do final do século XIX, mas a nobreza fundiária continua sendo a classe que domina em que Alfredo Bosi (1994, p.304) afirma: “Havia num matizado segundo plano, atuante e válido em termo de opinião: uma burguesia

industrial insipiente em São Paulo e no Rio de Janeiro, profissionais liberais; e fenômeno sul-americano típico, um respeitável grupo intersticial, o Exército; [...]”.

O Brasil sofre grandes transformações políticas e econômicas que repercutiram em toda população. Com isso, uma série de revoltas ocorreu em todo país, por diversos motivos, em situações diferentes que tiveram papel decisivo na república do café-com-leite e no enfraquecimento da república velha.

Em 1896, por exemplo, inicia-se a Guerra de Canudos, que teve grande desprezo por parte do governo federal. Movimento, este, mais expressivo de resistência sertaneja, pois além de oferecer um modo de vida alternativa para o trabalhador nordestino, também fez reduzir a oferta de mão-de-obra, devido a grande procura de abrigo naquele arraial. A miséria, o subdesenvolvimento, a opressão e o abandono do povo da região foram elementos que tiveram grande influência e força neste movimento.

Outros tipos de manifestação popular passam a acontecer em outras regiões do Brasil. No Rio de Janeiro, em 1904, a Revolta da Vacina foi violentamente reprimida. Em 1910, por causa dos castigos corporais aos marinheiros, eclodiu a Revolta da Chibata.

Outro acontecimento importante foi a Greve Geral de 1917, ocorrida em São Paulo, pela busca de melhores salários e condições de trabalho. Nasce, aí, uma nova classe de trabalhadores: a do operariado e do subproletariado. Estes, insatisfeitos com sua situação social, enfrentarão seus problemas objetivando uma melhora salarial e, conseqüentemente, condições mais dignas de vida.

As mudanças econômicas e sociais que estavam acontecendo nesta época prejudicaram o Estado de Sergipe. Este sofria as conseqüências da crise que acabou castigando país. Com isso, o trabalho produtivo passou a ser desvalorizado, os juros altos começaram a prejudicar os industriais e comerciantes.

Devido a esses acontecimentos, houve uma certa divisão: de um lado estava a ganância dos bancos estrangeiros, de outro a guerra surda dos adeptos do Império decadente. Tudo isso determinou no país a mais séria crise econômica, que nem os poderes públicos puderam restaurá-la.

A população sergipana estava muito preocupada com esta situação, então o jornal “O Porvir” daquela época registrou este momento de decadência profunda e decidiu adiantar algumas informações em forma de análise e advertência.

a baixa funcional do câmbio é o pesadelo que abala o poder público. Enquanto não se ferir de frente a especulação bancária, causa do depreciação de nossa moeda, a vida irá encarecendo cada vez mais, até que existência se torne impossível e a República baqueie pela revolução do desespero em massa (18/02/1900. O Porvir, p.277).

Ainda nesse ano, Sergipe era o estado que mais exportava açúcar, contudo a população era muito numerosa. Por causa disso, o custo de vida aumentava a cada dia e a situação ficava mais difícil e o sofrimento aumentava com o passar do tempo. Comovido com o estado terrível da população, mais uma vez o jornal “O Porvir” denuncia: “continua a população a lutar com a carestia dos gêneros alimentícios, sem esperança de ver tão cedo melhorar a situação que vai esmagando aos poucos” (11/02/1900. Jornal O Porvir p. 278).

A economia então passava por um momento de grande escassez. Tamanha era a dificuldade, por isso que as diversas Casas Comissárias do Rio de Janeiro que exportavam quase a totalidade do açúcar sergipano abriram falência, além de arrastar consigo as economias dos agricultores. “Era tão grande a falta de trabalho decorrente da desvalorização do açúcar, que os trabalhadores de engenho procuravam serviço à razão de 500 réis por dia” (Zózimo Lima. O Estado de Sergipe (18/08/1902. p.278.).

Amando Fontes ratifica e relata na obra esta passagem, através dos problemas que sofrem as personagens: “Naquele ano, abaixo do açúcar agrava-lhes mais e mais a situação, de si já tão precária. Os usineiros e senhores de engenho reduziram à metade o jornal da sua

gente; e passaram a pagar a tonelada de cana por tal preço, que nem valia a pena plantá-la” (FONTES, 1999, 9-10p.).

É neste período que a política aparece de maneira mais forte no Brasil, dando margem a uma redescoberta pela literatura crítica, uma preocupação com a realidade nacional, explorando aspectos tristes e pobres de maneira diferente. Ao mostrar através das obras a realidade brasileira, os autores apresentam o atraso do país, abordando denúncias sociais e temáticas regionalistas. Segundo Alfredo Bosi (1994, p.340)

[...]desde a primeira guerra vinham se firmando em São Paulo e Rio de Janeiro uma plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra o seu desdobrar-se em viva realidade cultural.

Assim como no restante do país, Sergipe também sofre com todas essas mudanças. Segundo Ibarê Dantas (2004, p.113): “Na prosa, na área do romance, a maior do período foi Amando Fontes”. E através da obra “Os Corumbas” é mostrada a vida do retirante nordestino, que sai do interior em direção a cidade, na busca de vida melhor. O autor serve-se da saga da família Corumba para relatar as dificuldades pelas quais passam os mais necessitados, tanto no campo, como na Capital, devido ao sistema capitalista. De lavradores, eles passam a proletariado, sendo submetidos a viver em condições subumanas, como afirma João Ribeiro, (apud, FONTES, 1999 p.viii):

É um romance do proletariado infeliz e desesperançado, vivendo entre ilusões e desenganos mortais. Uma pobre família, a dos Corumbas, vivendo na escassez, emigra de uma cidade do interior para a capital, o pequeno Aracaju, onde encontrará trabalho e onde os pais retirantes esperam colocar os filhos numa ou duas fábricas de fiação.

Nesse contexto de uma situação que parece imutável, há essa figura do retirante, homem forte e bravo, em sua tristeza infinita, como sempre cabisbaixo, andando a passos curtos, olhando para trás, porque não sabe para onde ir, numa terra tão distante, expulso de suas origens devido à situação caótica. Alfredo Bosi (1994, p.392) refere-se ao retirante da seguinte forma: “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, e seu mal-estar permanente. (...)”.

A LITERATURA E A REALIDADE DE UMA ÉPOCA: UM OLHAR MAIS ATENTO À REALIDADE SOFRIDA D'OS CORUMBRAS

Amando Fontes nasceu na cidade de Santos-SP, no dia 15 de maio de 1899, onde seus pais Turíblio da Silveira Fontes e Rosa do Nascimento Fontes residiam. Aos cinco meses de idade, seu pai faleceu e, logo depois, sua família voltou para Aracaju, de onde era oriunda.

Na companhia de seus avós paternos, que viviam entre a fazenda e a capital (Aracaju), Amando Fontes estudou na escola particular de Dona Zizi Cabral, e com sua inteligência, aos dez anos, foi aceito no Ateneu Sergipense. Reprovou em Álgebra, no terceiro ano, por não haver se dedicado aos estudos, como antes. Resolveu abandonar o ginásio dedicando-se apenas ao estudo de Português e Inglês.

Almejando dar continuidade a seus estudos, ele começou a trabalhar com quinze anos. Em suas viagens ele adquiriu muitos conhecimentos, aumentando cada vez mais o interesse pelas letras, inclusive a curiosidade pelas obras machadianas.

Freqüentou rodas literárias, recebeu influências de vários escritores, tendo a iniciativa de publicar alguns contos, e em seguida, Fontes, tem a idéia de escrever “Os Corumbas”, parando logo depois dos dois primeiros capítulos, só retornando a escrever doze anos mais tarde. Em 1933, é publicada a primeira edição do livro “Os Corumbas”, que aceito pela crítica, recebeu o prêmio Felipe de Oliveira de Literatura.

A obra é narrada em terceira pessoa, tendo um narrador onisciente, onipresente, intruso, pois às vezes participa da narrativa dando opiniões. O autor usa o discurso indireto livre e também faz aparecer na fala das personagens explicações que seria dele mesmo. O narrador, ora acelera, ora retarda a narrativa, chegando a prever os acontecimentos.

Enquanto os movimentos políticos queriam mudar o Brasil, na literatura o regionalismo crescia. Este acompanha o desenvolvimento romântico, mas fornece elementos

característicos que o romantismo não o fez, retratando de maneira muito próxima do ambiente e do tempo.

Entendendo o indivíduo como uma pequena parte do meio a que pertence, os problemas vividos pelos brasileiros é consequência da má formação colonial, que com o passar do tempo torna-se visível através das dificuldades encontradas na sociedade. Assim afirma Nelson Werneck Sodré (1995, p.404): “Na medida em que recuamos no tempo, o problema característico dos povos de formação colonial da transplantação, indica traços cada vez mais profundos”.

O regionalismo é fiel à realidade no ambiente físico, na fala, valorizando desta forma elementos populares, tendo assim valor documental, pois contribui para a etnografia, folclore, sociologia e lexicografia. Além dessas contribuições, os escritores procuravam valorizar a inteligência, mostrando uma consciência nacional, desfavorecendo o indivíduo e favorecendo as questões sociais abordando os problemas do país.

Em “Os Corumbas” são visíveis as características do regionalismo, através da descrição do ambiente, da miséria, das ilusões e da decadência total do retirante. Estes problemas são causados por falta de estrutura política e social que acarretam desequilíbrios financeiros e emocionais.

Caminhavam de mistura, em algazarra, batendo os tamancos com força na areia a camada dos caminhos... Algumas embrulhavam-se nos xales; aqueles, cobriam-se com avental esburacados; outras, ainda, se apadinhavam sobe um velho guarda-chuva. As que não dispunham do mais leve agasalho, viam molhadas, e tremiam, com frio (FONTES,1999, p.18).

Percebe-se no fragmento citado acima a situação que todos viviam, não só a família Corumba, mas os que estavam ao seu redor, necessitavam trabalhar para comer. Eram verdadeiras máquinas humanas que mantinham em pé as fábricas, enriquecendo seus donos. É esse o efeito da industrialização: enriquecer os já ricos e tornar cada vez mais miseráveis os pobres. O retirante transformava-se em operariado humilhado, ofendido, oprimido e sem chão.

Na obra, o autor explana a situação do operariado em busca de seus direitos, visível no personagem Pedro, único varão da casa, que prosperava em seu emprego à medida que o tempo passava, trazendo alegria para a família. Esta via a situação melhorar pelo aumento do salário que o filho recebia.

Crescia nele o interesse pelos estudos e, conseqüentemente, pelo movimento operário comunista. Nasce no jovem uma vontade de transformar a realidade brasileira, lutando por seus direitos, não se conformando mais com o que ganhava com seu trabalho. “... Pois eu olho que sou mal recompensado em vista do que faço. Um contramestre com menos de duzentos de ordenados, só mesmo aqui é que se vê!” (FONTES, 1999, p.59).

Fontes mostra, no capítulo treze, o descontentamento dos operários, quando as fábricas estabelecem trabalho noturno sem aumentar o salário, mostrando a intenção dos donos em explorar seus trabalhadores e caso estes não aceitassem as imposições, havia muitos sertanejos desempregados, que poderiam assumir seus lugares.

Mediante tal quadro, o jovem filho da família Corumba luta pelos seus direitos, mas ele e seus companheiros são traídos, presos e deportados para o Rio de Janeiro. Como está na narrativa: “Foram presos nove. Passaram a noite em uma sala escura, de sentinela à vista. Ao outro dia embarcaram, com precauções extremas, que só se tomam para os seres excessivamente perigosos” (FONTES, 1999, p.70).

A exploração que os operários são submetidos representa a influência da parte das classes dominantes, que junto com a polícia representam o poder. Na obra, o personagem João Afonso, maior defensor do movimento grevista, representa a idéia de luta de classes. Ele, junto com Pedro e seus companheiros desempenham o papel da esperança, almejando a mudança de situação do operariado, que sonha com a vitória pela conquista de seus direitos.

Essa situação fica bem exposta na carta escrita por Pedro à família:

As dificuldades que estou atravessando serão depois bem recompensadas. Esse dia não está longe. Questão de meses pode crer. Tenho tanta confiança na vitória, como se estar vendo a luz daquela lâmpada (FONTES, 1999, p.142).

O romance está organizado em três partes: a primeira possui quatro capítulos, aborda o início da família Corumba até a decisão de mudar para Aracaju; a segunda com quarenta e três capítulos, a vida na cidade e o drama que viveu; e terceira com apenas um capítulo, a volta fragmentada da família às suas origens.

Fontes, em seus escritos, tem um fundamental conhecimento de sua terra adotiva. Mesmo distante, ele descreve, com precisão, as características que marcam, muito bem, o cenário vivido pelas personagens, descrevendo a saga de uma família que sai do interior do Estado, um povo simples que vive suas crenças com muita fé, até a capital, dando ênfase à luta dos trabalhadores e exigindo dos proprietários das indústrias melhores condições de trabalho.

Também são exploradas as temáticas da prostituição e da situação precária de vida. Em relação ao primeiro tema, a obra retrata a condição de algumas moças que se deixaram influenciar pelo mau caráter de homens sem nenhum escrúpulo. Percebe-se também a exploração a que elas são submetidas, abordando o tratamento dos patrões e o abuso de poder, que estes usavam para conseguir envolver-se com as trabalhadoras. Muitas objetivavam ganhar o pão de cada dia, mas tinha algumas que cediam aos chefes para continuar em seu emprego e até mesmo para ter prestígio em relação às outras. A personagem Albertina narra esta tentativa de envolvimento no trecho.

Ele não gosta de mim, porque eu não sou como as outras, que lhe dão confiança...Safado! Uma vez me deu uma palmada nas cadeiras. Mas eu desgracei logo com ele. Gritei-lhe no focinho: 'Atrevido!. Moleque! Vá bater na tua mãe, peste!' O povo todo viu... Ele ficou danado comigo, e por isso vive de prevenção [...] (FONTES, 1999, p.25)

A pobreza dos operários faz com que todos tentem, de alguma maneira, aproveitar-se para conseguir algo. O desenrolar de cada personagem, as paixões, morte, fome e o desemprego são constantes na obra.

O início do ciclo da prostituição é marcado por Rosenda, a filha mais velha da família, sempre mal humorada, ignorante, a reclamar de sua situação social. Ela é a primeira a

manchar a honra da família ao apaixonar-se pelo cabo Inácio, um Dom Juan, cantador de modinhas, que vivia a contar-lhe mentiras e fazia-lhe promessas de casamento depois que fugissem, como está bem claro no trecho seguinte: “A gente se casa em Simão Dias. Você sabe muito bem que nosso casamento ainda não se fez por culpa de sua mãe, que tem prevenção comigo”(FONTES, 1999, p.51).

A paixão amenizou a raiva e o desprezo que a moça tinha por sua vida miserável, mas a cegou fazendo-a ver e ouvir somente o que o namorado dizia, indo contra toda família. Mas uma desgraça acontecera, Sa Josefa e Geraldo tristes, pensavam no que seus vizinhos iriam falar, no que iriam responder, sem saber eles que este foi apenas o início de toda a má sorte de suas vidas. “A desgraça quando vem, vem de chorriho”(FONTES, 1999, p.73), assim dizia Sá Josefa.

Albertina, a segunda filha, estava a enamorar de Dr Fontoura, mais uma tragédia à vista, pois se trata de um grande conquistador. Assim descreve o autor ao relatar quando o médico percebeu que Albertina interessava-se por ele: “Acendeu um cigarro, em segunda, e murmurou. -É minha! Ria e esfregava as mãos, num contentamento irreprimível transbordante” (FONTES, 1999, p.102). A moça enganada e ambicionando uma melhora de vida, foge e na primeira oportunidade é trocada por outra. Ela, com vergonha, se prostitui e vai morar na rua Siriri.

Quanto ao segundo ciclo de miséria, a falta de recursos para cuidar da saúde, levando muitos à morte é enfocada. Fontes aborda o acontecido com a personagem Bela, mais uma filha do casal, que mesmo enferma se vê obrigada a trabalhar na fábrica para aumentar o rendimento familiar. Isso vem agravar ainda mais a doença, levando-a a falecer.

A falta de dinheiro que tanto persegue a família Corumba desde a chegada em Aracaju, mais uma vez contribui para a penúria da família, pois Caçulinha, filha mais nova, considerada a esperança de todos, é obrigada a deixar seus estudos para contribuir com as

despesas de casa. Isso muda completamente o rumo planejado pra sua vida. Seu fim não seria diferente das suas irmãs mais velhas, mesmo sem querer, o preconceito social falou mais alto, levando-a à prostituição. Em suma, situações vividas na sociedade ainda hoje.

Para continuarmos a análise das condições dos retirantes representados na obra em questão, serão enfocados acontecimentos da realidade em questão, que tem como pano de fundo elementos de natureza sócio-político-econômica. Tais características são bem marcantes na produção literária pesquisada, pois ela mostra nitidamente as mazelas, as condições subumanas, os preconceitos, o convívio de diferentes culturas. Enfim, apresenta as atitudes comportamentais do retirante em sua luta pela sobrevivência.

Escrita na estética naturalista, Amando Fontes faz de sua obra um documentário fiel de uma cidade que se industrializava rapidamente e, devido a esse novo fenômeno, várias famílias abandonaram sua origem para tentar a vida em Aracaju. Foi o que aconteceu com a família Corumba, protagonista da obra em questão, por iniciativa de Sá Josefa, ao fazer o seguinte comentário:

Na capital, havia emprego descente para duas meninas mais velhas. Era na fábrica de tecido. Estavam assim de moças, todas ganhando bom dinheiro... Pedro não custaria em conseguir um bom lugar, como ferreiro maquinista... uma outra vida, enfim. Vestia-se melhor andava-se no meio de gente... (1999, p.10)

Pode-se perceber que a matriarca da família tem uma visão bastante otimista da vida na cidade, pois no pensamento de Sá Josefa, ao sair do campo, todos os seus problemas iriam acabar. Para ela, a industrialização estava gerando emprego a todos que tivesse disposição para trabalhar.

Esse é um tipo de pensamento muito comum entre as pessoas que residem no campo. A visão que elas têm de como vivem as que moram na zona urbana é fruto de um desejo de melhorar de vida, um sonho, uma ilusão, conseqüência de relatos de sucesso que são contados e espalhados entre as famílias que sofrem. Dessa maneira, impulsionados pelo

desejo de progredir, todos fogem do quadro de miséria em que se encontram para tentar melhorar de vida na Capital. Assim ratifica o autor no seguinte trecho:

Eram praiheiros de S. Cristóvão e Itaporanga; camponeses do Vaza-Barris, da Cotinguiba; sertanejos de Itabaiana e da Caatinga-que, num dia ou noutro, tangido pela mais áspera miséria, havia desertado de seus lares, na esperança de uma vida melhor pelas cidades... (1999, p.19)

Portanto, a crítica com mais clareza às relações sociais desse processo capitalista de tantas desigualdades financeiras e sociais sofridas pelas personagens, é relatada por Massaud Moisés(1996, p.186) da seguinte forma:

Há seis anos tinham vindo, tão cheios de esperança. A cidade, com o ganho das fábricas, o casamento para as meninas, o professorado de Caçulinha, fora tudo ilusão, que por água abaixo descera. Melhorar? ... Não conseguiram nunca. Perderam, mesmo, o único bem que possuíam: os filhos, desgarrados por esse mundo, a outra morta, afastados todos do seu convívio (...).

A obra “Os Corumbas” pressupõe uma denúncia que diz respeito à estrutura social, cheia de injustiças, pois os sertanejos são explorados pelos proprietários das grandes fábricas. Isso mostra a miséria física e moral dos homens, o sacrifício inútil das mulheres para criar seus filhos. Tais peculiaridades revelam ao resto do Brasil o drama da seca, principalmente sob o aspecto da humilhação do ser humano e da deterioração de seus valores morais.

OS DESVALIDOS E OS CORUMBRAS – RETRATOS DE UM POVO SERTANEJO SERGIPANO

Ao analisarmos elementos da obra em destaque, “Os Corumbas” de Amando Fontes, não podemos deixar de estabelecer um paralelo com uma obra da literatura sergipana contemporânea, “Os Desvalidos” do autor Francisco Dantas, já que ambas apresentam características marcantes do regionalismo sergipano, com enfoque nas mazelas sofridas pelo sertanejo nordestino que, apesar de todo o sofrimento e humilhação, não perde sua figura de dignidade.

A primeira obra retrata minuciosamente a vida do retirante em sua miséria total, o desemprego, a escassez dos meios decentes de vida, a trama de sentimentos, sonhos e

objetivos inatingíveis. A segunda, além de tratar da estória do cangaço no interior de Sergipe, aborda ainda os estigmas de séculos de exploração feroz.

A linguagem, os costumes e o estilo de vida miserável retratados em ambas as obras, fazem parte das mesmas ilusões de um dia o povo sertanejo tão sofrido melhorar sua condição financeira. Junto a tudo isso, existe o inconformismo e a tristeza de enfrentar a dura realidade, o destino cruel, o sentimento de rejeição, a falta de apoio de familiares e da sociedade de seu tempo. Esses aspectos são bem marcantes na personagem Coriolano de “Os Desvalidos”, de Francisco Dantas.

No início da medonha quebradeira, ainda inconformado, Coriolano se perguntava, quem fora o culpado do trompaço que entortara sua vida tão bem encaminhada! E por não atinar com alguma resposta mais descente, empurrava o fracasso para cima de sua raça (DANTAS, 1993, p.25).

Com essas informações, percebe-se nitidamente o verdadeiro estado de ruína e revolta atribuído à triste sina de viver sempre na derrota. A partir daí surge o questionamento cheio de amargura, além do tom irônico na fala da personagem quando ele se refere à “vida tão bem encaminhada”. É revelada, ainda que implicitamente, a angústia de Coriolano ao ser sempre rejeitado por todos, principalmente por seus familiares, e, a lembrança dos maus tratos sofridos por ele desde a infância.

Aí então, sozinho com o pai, só eu sei o trecho de vida que passei! Até que não pude mais... Farto dos rosnados e implicâncias, que tornavam ainda mais insuportável a aridez do Aribé-fugou no mundo, correu um trecho ou outro sem achar amena colocação, até vir bater aqui em Rio-das-Paridas, na casa do tio avô, que não tinha filho, e que só desta vez o acolheu, [...] (DANTAS, 1993, p.25).

Assim, tanto Amando Fontes quanto Francisco Dantas fazem uma análise profunda em suas respectivas obras utilizando-se da mais pura crítica. Isso engloba todos os aspectos que dizem respeito ao ser humano, de modo geral. Enfim, ambos “pintam o retrato” da sociedade que passou por tempos muito difíceis, em que o mais bravo e mais forte consegue sobreviver.

Em meados da década de 1930, a seca assolava toda região nordestina. Por isso, Amando Fontes e Francisco Dantas, cada qual em seu tempo, tocados por essa situação

terrível, construíram obras, verdadeiros documentos críticos que mostram, através da ficção literária, as condições de vida miserável pelas quais passava o retirante nordestino. Tanto “Os Corumbas” quanto “Os Desvalidos” são retratos de famílias que habitavam em cidades diferentes, porém a miséria, a escassez e os sofrimentos eram os mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, sabe-se que o retirante procura fugir do seu destino, isto é, deixa o sertão e corre para as cidades sujeitando-se às contaminações urbanas, mesmo com a existência de vários lugares comuns que são agrícolas, pois a seca e os seus satélites físicos e morais criam o fatalismo do retirante sobrevivente.

O sertão é apresentado como fonte e reserva de virtudes. O homem rural sergipano e brasileiro encontra-se ainda em fase primitiva de emoções e idéias, colhido em sua originalidade. O drama da seca periódica ainda hoje é mais sério do que se pode imaginar. Há um crescimento populacional que faz com que os problemas de abastecimento alimentício, desemprego em massa, além de outros males, se agravem com o tempo.

O êxodo provocado pela seca de 1898 se reflete até os dias atuais e, mesmo com o passar do tempo, parece não ter fim. Amando Fontes mostra na obra em foco, que mesmo com toda luta vivida pela família Corumba, o regresso à cidade de origem, em piores situações, foi inevitável, pois os sonhos e desejos dessa família acabam junto com o fim trágico dos filhos.

Concluimos dizendo que o autor provoca no leitor emoções relacionadas às mazelas sofridas pelo retirante sergipano em sua busca por melhores condições de vida e que a literatura cumpre com um importante papel social ao denunciar as injustiças de uma sociedade que ainda teima em virar os ombros ignorando o quadro de miséria que assola tantos brasileiros pelo país afora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBEIRO, Heródoto. *Curso de história do brasil*. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1984.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CALDEIRA, Jorge. CARVALHO, Flávio. *Viagem pela história do brasil*. 2. ed. Cia das Letras, 2001.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. Vol. II, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- DANTAS, Francisco J. C. *Os desvalidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DANTAS, Ibarê. *História de sergipe: república (1889-2000)*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2004.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. *História política de Sergipe: Do golpe de 15-11-1889 ao golpe de 31-03-1964*. 1 vol. Rio de Janeiro. 1986.
- FONTES, Amando. *Os Corumbas*. 22 ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1999.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: modernismo*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- SILVA, Maria Ivonete Santos. *Romance Industrial: Aspectos históricos e sociológicos na obra de Amando Fontes*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília: Aracaju: Governo do estado de Sergipe/Fundesc, 199
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 9. ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1995.